

INFÂNCIA E MÍDIA: BREVE REVISÃO DE UM CAMPO EM DISPUTA

CHILDHOOD AND MEDIA: A BRIEF REVIEW OF A FIELD IN DISPUTE

RENATA DE OLIVEIRA TOMAZ

Doutoranda em Comunicação e Cultura, na linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais, com Bolsa Faperj Aluno Nota 10, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluiu o mestrado (2011) e a graduação em Jornalismo (2004). Membro do corpo de colaboradores da revista ECO-Pós e estagiária docente na Escola de Comunicação da UFRJ. Tem experiência profissional na área de Comunicação, em mídia impressa, online e eletrônica. Os interesses de pesquisa se concentram nas áreas de infância, juventude, subjetividades contemporâneas, culturas urbanas, maternidade e mídia. Brasil.

renatactomaz@gmail.com

Edição v.35
número 3 / 2016-17

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), v. 35, n. 3
dez/2016-mar/2017

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

TOMAZ, Renata de Oliveira. Infância e mídia: breve revisão de um campo em disputa. Contracampo, Niterói, v. 35, n. 03, dez. 2016/ mar. 2017.

Enviado em 21 de março de 2016 / Aceito em: 05 de novembro de 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20505/contracampo.v35i3.919>

Resumo

O objetivo deste artigo é identificar as principais perspectivas a partir das quais a infância vem sendo compreendida enquanto construção social na sua relação direta com a mídia. O trabalho consiste no levantamento da produção acadêmica, nos últimos dez anos, através de consultas no Portal de Periódicos da Capes e na Plataforma Scielo. De acordo com o levantamento realizado, as análises que investigam a relação entre mídia e infância indicam que os elementos constituintes da infância são fabricados pelas sociedades por meio de verdades que não são desveladas e sim produzidas nas disputas simbólicas.

Palavras-chave

Revisão de literatura; infância e mídia; estudos da infância

Abstract

The purpose of this article is to identify the main perspectives from which childhood has been understood as a social construction in its direct relationship with the media. The work consists of a survey of academic production in the last ten years, through search in the Portal de Periódicos da Capes (Capes Periodics Portal) and Plataforma Scielo (Platform Scielo). According to the survey, the analysis that investigate the relationship between media and childhood indicate that constituent elements of childhood are built by the societies through truths that are not unveiled, but produced in the symbolic disputes.

Keywords

Literature review; childhood and media; childhood studies

Introdução

As imagens das crianças famosas, consumidoras, cidadãs, em situação vulnerável, trabalhadoras ou empreendedoras se multiplicam. E suas vozes, carregando seus desejos e vontades, necessidades e demandas, ecoam cada vez mais em diferentes instâncias das sociedades. Um dos indicadores dessa presença das crianças é a produção de saberes sobre os primeiros anos da vida, constituídos em narrativas que as situam em determinadas posições de sujeito (HALL, 2009), produzindo subjetividades. Disciplinas provenientes de campos distintos de conhecimento se inserem paulatinamente nos estudos da infância e produzem chaves teóricas e explicativas que nos ajudam a compreender os sentidos historicamente atribuídos e socialmente construídos nas concepções de infância.

Entender essa crescente visibilidade e audibilidade das crianças passa necessariamente por considerar os usos que elas fazem dos meios de comunicação. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é identificar as principais perspectivas a partir das quais a infância vem sendo compreendida, particularmente na sua relação direta com a mídia. A multiplicidade de áreas do conhecimento pesquisando tal relação sinaliza a onipresença da mídia, a qual Sodré (2012, p. 21-28) chamou de *quarto bios*, indicando como as mais distintas experiências da vida, incluindo a da criança, têm sido mediatizadas. Nesse sentido, este trabalho também busca entender como os processos comunicacionais atravessam a produção contemporânea da infância, e, assim, averiguar se esta construção pode ser considerada um problema teórico para o campo da comunicação. O trabalho consiste no levantamento da produção acadêmica registrada, nos últimos dez anos, através de consulta no Portal de Periódicos da Capes¹ e na Plataforma Scielo². O texto aborda, no primeiro tópico, a construção da amostra utilizada

1 A consulta foi feita por meio do acesso remoto disponibilizado pela UFRJ para o corpo docente e discente. Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Último acesso em 29 de julho de 2015.

2 Consulta realizada no site <http://www.scielo.org/php/index.php>. Último acesso em 28 de julho de 2015.

para a análise; em seguida, faz uma breve recuperação da formação histórica dos principais paradigmas da infância; e, só então, apresenta os principais eixos temáticos sobre os quais os estudos sobre infância e mídia têm sido realizados.

1. Coleta de dados

A primeira opção para fazer essa pesquisa seria o Banco de Teses e Dissertações da Capes, mas o fato de o acervo, na época da coleta, estar limitado à produção de 2011 em diante dificultou o levantamento³. Primeiro porque a consulta abarcaria um período inferior a quatro anos, que considero pequeno para avaliar as continuidades e rupturas na construção discursiva da infância. Segundo porque é importante entender como essa produção acontece no campo da comunicação e, nesse breve período, de um total de cinquenta teses e dissertações cuja temática era infância e mídia, foram encontrados apenas cinco trabalhos provenientes de programas de pós-graduação em comunicação. A segunda opção foi, então, o Portal de Periódicos da Capes. A busca com as palavras "mídia e infância", no campo assunto, nos últimos dez anos, encontrou onze textos. Embora o escopo fosse maior do que o do banco, a dificuldade em mapear as principais temáticas e abordagens continuou. Por essa razão, optei por fazer a busca no campo assunto com as palavras "*childhood e media*", usando alguns filtros para refiná-la. Sendo assim, o levantamento deixou de ser no campo brasileiro e se tornou mais amplo.

Na primeira tentativa, sem intervalo de tempo, a pesquisa listou 1.170 textos, publicados entre 1960 e 2015. Ao diminuir o intervalo para os últimos dez anos (2005 a 2015), o número de trabalhos caiu para 920, o que mostra a concentração da produção sobre mídia e infância nos anos 2000. Em seguida, utilizei um filtro que privilegiou as temáticas "Internet, mass media effects", "Television advertising",

³ Em 2016, o Banco de Teses e Dissertações voltou a exibir resultados anteriores ao ano de 2011. Entretanto, o trabalho já estava concluído.

“Mass media e media”⁴. O número de trabalhos caiu, então, para 143 – com uma maior concentração entre os anos de 2010 e 2012. Foram descartados os textos de mídia impressa como artigos de jornais e arquivos de áudio provenientes de conferências, os quais também compunham o resultado da busca. Esses cortes representaram cerca de 30% do total. Os textos eram majormente artigos, mas também havia teses e dissertações. Em seguida, foram identificados os trabalhos em português. Uma consulta com as palavras “mídia e infância”, “*media e childhood*”, na Plataforma Scielo, permitiu identificar trabalhos brasileiros que não haviam aparecido na busca do Portal de Periódicos. Os resultados de ambas pesquisas somaram quatorze trabalhos publicados por brasileiros, em português, nos últimos dez anos, com a temática infância e mídia. Utilizei esse recorte, feito dentro da amostra maior, para averiguar se a produção brasileira refletia de modo geral a produção mais ampla ou se apresentava alguma tendência específica.

A análise começou com a organização dos trabalhos, dispostos dos mais recentes para os menos recentes nas seguintes categorias: autores, título, temática/problema central, natureza da publicação (artigo, tese etc.) e campo disciplinar. A descrição da temática central foi feita a partir da leitura de títulos, resumos e palavras-chave, por meio da qual foi possível elencar as principais abordagens do assunto infância e mídia, bem como suas matrizes teórico-metodológicas. Os dados relacionados ao campo disciplinar revelaram como a produção de saberes relativos à infância não é de uma área do conhecimento, mas se vale cada vez mais de diferentes perspectivas que deem conta de sua inquestionável complexidade. Conforme defende Castro (1998, p. 12), “faz-se necessário reconhecer a impossibilidade de descrever e analisar tal experiência do ponto de vista de uma única área disciplinar do conhecimento” e empreender “um esforço de se pensar a questão da infância fora dos limites estritos de uma única área de conhecimento”

4 A fim de otimizar os resultados, privilegiei no meu filtro temáticas que indicavam estudos cuja discussão central passava pelas mídias massivas e digitais e dispensei aquelas que concentravam artigos com outra ênfase, tais como “Strategies”, “Preeschool children”, “Foreing countries”, “Early adolescence” e “Early childhood education”.

(idem). Desse levantamento, realizei uma análise para entender a que matrizes teórico-metodológicas a produção da temática infância e mídia está ligada. Que regimes de verdade estão operando nas definições de infância? É possível entender a infância como um problema teórico da comunicação? Antes de chegar a essas especificidades, segue uma breve recuperação histórica das teorias que, ao longo da Modernidade, têm sido construídas para narrar a infância e, assim, produzir sentidos que estão em constante disputa nas arenas contemporâneas, principalmente a midiática.

2. Infâncias: discursos constituídos em relações de poder

Stearns (2006) considera a infância uma narrativa do papel social da criança em determinado contexto. Para ele, os diferentes papéis produzem diferentes narrativas e, portanto, diferentes infâncias. Gómez-Mendonza e Alzate-Piedrahíta (2014, p. 79) afirmam que a infância tem seu início quando “seus narradores” começam a narrá-la. Eles citam filósofos do século XVIII, como Locke, que se referia à criança como “tábua rasa” ou “página em branco”, indicando a necessidade de ela ser “preenchida”, ou ainda produzida, pelos adultos. Com uma produção mais densa, Rousseau ([1762]2014, p. 119-121) acreditava que as crianças podiam raciocinar, mas não racionalizar, motivo pelo qual chamou a infância de “sono da razão”.

É importante entender, entretanto, que a produção das narrativas que constroem a ideia de infância responde a uma articulação de forças, a relações de poder que perpassam as instituições (FOUCAULT, 1979). A compreensão do que é a infância nos dois últimos séculos não reside na descoberta de verdades sobre a criança, mas na produção dessas verdades em um contexto social, histórico, cultural e político. Nessa perspectiva, este tópico vai mostrar como o paradigma desenvolvimentista da infância se tornou hegemônico na virada do século XX e como está deixando de sê-lo. Ambos movimentos estão

ligados, respectivamente, à ascensão e enfraquecimento da psicologia como saber dominante do indivíduo. Suas origens remontam ao final do século XIX, quando, segundo Warde (2014), o psicólogo estadunidense G. Stanley Hall (1846-1924) se torna o fundador do *child study*.

Diferente dos *childhood studies*, os quais serão abordados mais à frente, o *child study* era fruto de um empreendimento teórico, social e político de Hall para *cientificar* os saberes da infância a partir da reunião de diferentes disciplinas, as quais dariam embasamento à pedagogia e esta, por sua vez, seria a definidora das práticas escolares. Com base em uma perspectiva teórica evolucionista, ele defendia que a criança era uma espécie de elo da cadeia evolutiva, repositório biológico de elementos valiosos para o desenvolvimento humano.

Dentre os esforços dele, estava a publicação do *Pedagogical Seminary*, criado por Hall na época em que presidia a Clark University, onde os debates surgiram. O periódico também se tornou um campo de embates nas disputas por legitimar as vozes que falariam em nome da criança e da infância, evidenciando os pilares do *child study*. Warde acrescenta a estes elementos teóricos e acadêmicos uma estratégia política: o uso da National Education Association (NEA) como arena de discussão para as questões da infância e da educação, onde nasceram, no início dos anos 1880, as reivindicações de uma base científica para a pedagogia.

Uma das formas de pressionar a comunidade acadêmica em relação a isso foi publicar artigos (cerca de 30, entre os anos de 1883 e 1893) com relatos de experimentos. Um número cada vez maior de profissionais envolvidos com a infância, as crianças e a educação articulava-se, publicando ou militando “em favor de reformas educacionais pautadas em estudos da criança, ao mesmo tempo em que outros psicologistas estavam sendo cativados para pesquisas empírico-experimentais em torno do desenvolvimento e da aprendizagem da criança” (WARDE, 2014, p. 253). Em 1893, Hall publicou *Child Study as a basis for psychology and psychological teaching* e *Child study: the basis of exact education*. Até então, ele se referia ao campo como

"study of children". A mudança de nome para *child study*, embora pareça sutil, faz importantes marcações:

substituiu a referência empírica pré-conceitual – crianças: indivíduos particulares e, por isso, variáveis – pela referência conceitual a um objeto determinado – a criança: sujeito universal e, por isso, igual a si mesmo. Com essa aparentemente simples troca de nome, Hall inscreveu um novo campo de conhecimentos nos marcos do saber especializado, científico: 1) demarcou o território que separaria a nova produção disciplinada da produção pré-disciplinar ou não ainda disciplinada; 2) estabeleceu a base da 'correta educação' e 3) definiu, para ele mesmo ocupar, o lugar de pai fundador daquele novo saber (WARDEN, 2014, p. 253).

Apesar de Hall ter se empenhado para reunir diferentes disciplinas, amparado em uma perspectiva evolutiva de desenvolvimento, o que ele acabou por fazer foi contribuir para que a psicologia se tornasse a base do *child study*. Segundo Warde, o campo em si não teve vida longa, mas o entendimento da psicologia como lugar de produção de verdades sobre a infância se firmou e prevaleceu ao longo do século XX, nutrindo um paradigma desenvolvimentista da infância cujo objetivo final era ser adulto. Nessa compreensão, a criança é vista a partir de sua falta em relação ao adulto, como alguém que ainda não é, inacabada.

Na segunda metade do século XX, as ciências cognitivas começam a minar essa compreensão por meio de estudos que comprovam a inexistência de diferença entre o cérebro da criança e do adulto. E, mais recentemente, na virada do século XXI, os procedimentos que possibilitam o mapeamento do cérebro permitiram explorar as múltiplas possibilidades não só dos adultos, mas especialmente das crianças (GÓMEZ-MENDOZA; ALZATE-PIEDRAHÍTA, 2014, p. 80). Entretanto, foram as ciências sociais, particularmente a antropologia e a sociologia, que empreenderam uma crítica contundente à psicologia do desenvolvimento enquanto lançavam as bases para o surgimento de uma nova sociologia da infância, que se tornou central na formação de um campo específico: os *childhood and children studies*.

Para Sarmiento (2008, 2009), a formação desse campo só foi possível graças a algumas condições de possibilidade, dentre as quais

ele destaca: 1) a desconstrução da “produção pericial da infância pelas ciências do indivíduo” (campo psicológico), ancorada sobretudo na visão desenvolvimentista da criança; 2) uma crítica à própria sociologia, do ponto de vista do conceito de socialização, o qual contribui para a ocultação da criança (BOLLO-BOUVIER, 2005; CORSARO, 2011); 3) a virada subjetiva da sociologia que acabou por contemplar assuntos antes mais pertinentes a disciplinas como a psicologia; 4) a importância das crianças frente à diminuição das taxas de natalidade, ocasionando isso talvez a valorização de sua presença/ausência. Sirota (2001) defende que o ponto de partida da sociologia da infância é a oposição a uma tradição *durkheimiana* de conceber a infância, em que a criança é vista como socializada passivamente pelo adulto. Entretanto, a socióloga francesa acredita que os embates teórico-metodológicos, acadêmicos e, em certa medida, políticos foram fundamentais para solidificar uma nova perspectiva de estudos da infância.

Segundo a autora, no final dos anos 1980 as associações americana e internacional de sociologia criaram departamentos e núcleos específicos de sociologia da infância. Pouco mais tarde, na própria Grã-Bretanha, realizaram-se, a partir de 1986, workshops sobre etnografia da infância, seguidos da criação da rede “Criança e Sociedade”, em Londres e Kele. Também neste ano, pesquisadores ingleses lançaram a revista, *Sociological Studies of Child Development*, mais tarde chamada de *Sociological Studies of Children*. Ainda no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, surgem dois programas de pesquisa: “A infância como fenômeno social”, em Viena, e o “Programa de Pesquisa sobre a criança de 5 a 16 anos”, em Londres. Ambos se preocupavam em desenvolver teorias e métodos de pesquisa que enxergassem a criança como um ator social e a infância como uma construção da sociedade.

Embora aparentem mudanças de termos disciplinares, as palavras sociedade, fenômeno social, crianças (plural) demonstram a reivindicação de uma mudança radical no modo de investigar a infância. O uso plural, de *child study* para *childhood studies*, por exemplo, indica a compreensão de que os saberes relativos à infância

não pertencem à psicologia, mas circulam em diferentes campos disciplinares. A criança passa a ser tomada em suas especificidades sociais (raça, etnia, gênero, classe, escolaridade etc.). A multiplicidade de experiências produzidas por essas condições, entende-se, resulta em uma multiplicidade de infâncias, razão pela qual esse período da vida não deve ser compreendido como natural⁵, mas como uma construção social.

As ciências sociais, então, desde o final do século passado, têm minado a perspectiva desenvolvimentista da infância e promovido uma perspectiva das competências (CASTRO, 2013), uma concepção que não vê a criança por meio daquilo que ela não tem em relação ao adulto, mas a partir das diferenças que permeiam as alteridades, inclusive entre adultos. A criança não precisa crescer para *ser alguém*. Ela está sendo, tornando-se, agindo no mundo, produzindo formas de estar e ser, produzindo cultura e sendo produto dela. O objetivo desse tópico, então, foi mostrar que as narrativas da infância não correspondem a uma verdade da infância, mas a regimes de verdade que definem, mediante relações de força e poder, a experiência dos primeiros anos de vida.

3. Infância, mídia e produção de sentido

Embora todos os continentes estejam de certa forma representados no *corpus* analisado, há uma predominância de trabalhos provenientes de países de língua inglesa como Estados Unidos e Austrália. A maior parte dos trabalhos vem da grande área das ciências humanas, principalmente da psicologia e da educação. Em seguida, apareceram trabalhos de disciplinas como medicina, nutrição e enfermagem; e, por fim, aqueles originários da área de ciências sociais e sociais aplicadas. A recuperação histórica feita acima foi necessária

⁵ Isso não significa negar o caráter biológico da infância que é, de fato, um tempo em que a criança está crescendo – aprende a falar, troca a dentição, engatinha para andar, corre etc. A questão reside no fato de esses processos serem avaliados e geridos de formas distintas em diferentes culturas, o que demonstra um caráter social e cultural da infância.

para que a produção dos últimos dez anos pudesse ser identificada em suas matrizes teórico-metodológicas e, assim, compreendida em seu contexto. Os trabalhos analisados foram organizados em torno de dois eixos temático-teóricos: 1) o que a mídia faz com as crianças e 2) o que as crianças fazem com a mídia. Apesar de eles serem insuficientes para contemplar a diversidade e as nuances das produções, ajudam a vislumbrar os modos mais recorrentes de conceber a infância em sua relação direta com a mídia.

3.1. O que a mídia faz com as crianças: as representações e os efeitos

Esse conjunto de trabalhos pode ser dividido em dois grupos. No primeiro, em menor quantidade, estão aqueles que tratam das representações, indicando como a mídia retrata as crianças e como constrói a realidade da infância. Dentre eles, há os que questionam estereótipos (DENOV, 2012; HOFFMAN, 2012; WELLS, 2007), apontam a produção de subjetividade (FISCHER, 2008; TOMAZ, 2014), indicam como os diferentes discursos interpelam as crianças (VERGARA, VERGARA, 2012; MONTGOMERY *et al.*, 2012) e sinalizam a normatização da infância (MAHER *et al.*, 2010; ZIVKOVIC *et al.*, 2010). Os trabalhos mostram que a mídia produz determinadas imagens da criança e da infância que são utilizadas para construir realidades e, portanto, verdades.

O segundo grupo é formado por trabalhos que se preocupam em mensurar os efeitos da mídia sobre as crianças e avaliar a sua vulnerabilidade diante dos meios de comunicação. Dentre as questões tratadas e consideradas diretamente vinculadas ao impacto da exposição das crianças à mídia estão o aumento de peso e a obesidade infantil (HARVEY, 2013; YU, 2012), o consumismo irrefletido (HILL, 2011) e o comportamento violento (MARTÍNZES *et al.*, 2011; ERWIN, MORTON, 2008). Essa perspectiva se aproxima, como vimos, de uma tradição norte-americana de pesquisa voltada para a psicologia do

desenvolvimento, com ênfase na criança individual, nos estudos de efeito e nas metodologias quantitativas (LEMISH, 2015). Percebidas de um ponto de vista da falta, as crianças são pensadas como passivas, inocentes e vulneráveis.

De acordo com Lemish (2015, p. 4), a visão desenvolvimentista permitiu que, em relação à mídia, as crianças fossem consideradas “incapazes de entender o conteúdo midiático como o adulto; não eram imunizadas contra seu efeito negativo; e, diferente dos adultos, eram ingênuas e facilmente persuadidas”. A ideia, então, de que a criança está em um processo evolutivo de desenvolvimento, que poderá ser gravemente atingido pelos efeitos danosos da mídia, estabelece uma relação desigual de forças, produzindo uma infância vulnerável e carente da intervenção adulta (BAIOCCO *et al.*, 2009) e da regulação da mídia pelo Estado (HARVEY, 2013). Isso não significa dizer que as tecnologias e a mídia em si produzem subjetividade, mas que compõem o conjunto de condições de possibilidade para a criança *ser*.

Desse modo, os pesquisadores voltados para essa temática remetem à matriz desenvolvimentista da infância. A crítica a essa perspectiva, entretanto, não pode anular a importância dos assuntos debatidos. Ou seja, deixar de pensar a criança como passiva não significa deixar de pensar a sua exposição à mídia e os modos como isso a afeta. Nesse sentido, surgem trabalhos que retomam temáticas caras aos estudos de efeito e propõem uma nova leitura. É o caso da erotização da infância, creditada em muito aos produtos midiáticos. Ao investigá-la, Thompson (2010) defende a necessidade de superar a relação quase automática entre sexualização da criança e mídia, ouvindo as crianças e deixando de basear questões e respostas no que chama de visão adultocêntrica. Ainda sobre o assunto, Bragg *et al.* (2011) afirmam que é preciso haver uma discussão mais complexa, uma vez que as respostas comumente encontradas aparentam simplificar a discussão. A compreensão da criança como um ator social, portanto, interfere diretamente nos modos de pesquisar a infância na sua relação com a mídia, reconfigurando as abordagens, até então, predominantes.

3.2. O que as crianças fazem com a mídia: as produções simbólicas e materiais

A maior parte dos trabalhos da última década, entretanto, é fruto de pesquisas preocupadas com a ação da criança a partir da sua relação com a mídia. Eles podem ser divididos também em dois grupos, sendo o primeiro composto por estudos que discutem os sentidos produzidos pelas crianças a partir do consumo que fazem de produtos da indústria cultural. Há uma predominância de tomar a criança na sua condição de consumidora, dotada de agência, na medida em que consome com uma intenção (TRICE, 2010). Por meio de estudos de recepção em boa parte dos casos, essas pesquisas avaliam, por exemplo, como as crianças, a partir de sua relação com a mídia, constroem realidade (DE LA ROCHE, 2012), ressignificam identidades ofertadas (SIMPSON, 2013; WOHLWEND, 2012), promovem usos distintos da produção audiovisual e musical (CHACÓN, MORALES, 2014; FERNÁNDEZ, 2010; PEREIRA, 2006), bem como dos desenhos animados (ROCHA, 2012; SALGADO, 2012).

O segundo grupo é formado por investigações que procuram enxergar as crianças para além de sua condição de consumidoras, entendendo-as como produtoras de cultura, não apenas na sua compreensão simbólica, mas também material. Dentre as temáticas exploradas estão o uso das novas tecnologias pelas crianças para a produção de textos escritos, filmes e ficção (DEFAUW, 2013; LENTERS, WINTERS, 2013; SCHNEIDER *et al.*, 2014; YOUNG, RASINSKI, 2013), a formulação de novas maneiras para brincadeiras conhecidas (BRENT, 2011; SIQUEIRA *et al.*, 2012) e de novos modos de letramento (O'MARA, LAIDLAW, 2011). O que se pode depreender desses dois grupos de trabalhos é que a relação entre infância e mídia é tratada em uma articulação, de modo que a produção de sentidos é mediada, não dada (HALL, 1980). Há uma intencionalidade de ambas as partes, as quais se manifestam em sucessivos processos de negociação simbólica.

Para alguns desses pesquisadores, uma vez sabendo como

as crianças produzem sentido, pode ser possível torná-las uma audiência mais crítica (CHACÓN, MORALES, 2014; SÁNCHEZ-CARRERO, SANDOVAL-ROMERO, 2012) e, assim, avançar da condição de consumidora para a de produtora. Essas pesquisas apontam para duas dimensões em que a criança se constitui como sujeito da ação e não apenas objeto de cuidados. Nos dois grupos ela é consumidora da cultura midiática, mas no segundo, além dessa condição, ela também é produtora de uma cultura participativa e, nesse sentido, concebida na condição de cidadã (POYNTZ, HOECHSMANN, 2011). Sendo assim, esses trabalhos procuram entender os processos pelos quais as crianças se relacionam com os produtos midiáticos e atribuem sentidos novos ao mundo, às relações, aos ideais, interferindo nos modos de pensar, produzindo, portanto, cultura – ao mesmo tempo em que são produzidas por ela. As narrativas que resultam desses saberes desafiam uma concepção moderna de infância, segundo a qual as crianças são incompletas em relação aos adultos, sofrem uma socialização passiva e realizam um consumo irrefletido. Elas sinalizam uma compreensão da ação das crianças no mundo como atores sociais.

3.3. Infância e mídia: um recorte da produção brasileira

De todo o material analisado, quatorze foram produzidos no Brasil. São artigos, dissertações e teses que indicam quem está pesquisando infância e mídia, em que campos e a partir de que perspectivas teórico-metodológicas. O levantamento (GRÁFICO 1) mostrou também que a educação é o campo que mais trata a temática, enquanto na comunicação havia apenas um trabalho (TOMAZ, 2014)⁶. A maior parte dessa produção está no Sudeste (GRÁFICO 2), onde de fato se

⁶ O fato de os trabalhos sobre mídia e infância produzidos nos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil não estarem aparecendo em bases como o Portal de Periódicos e o Scielo não significa que não haja pesquisadores estudando o assunto. Acompanho uma produção crescente na área, composta por coletâneas, dissertações e teses, especialmente no período analisado (ALCÂNTARA, GUEDES, 2014; BARBOSA, 2012; DORETTO, 2013; FURTADO, 2013; ORLANDI, 2012; PEREIRA, 2016; SAMPAIO, CAVALVANTE 2006; SOBRAL, 2014; VIVARTA, 2009; TOMAZ, 2011). Entretanto, esses trabalhos não apareceram nas bases pesquisadas, o que pode estar indicando uma necessidade não só de produção, mas especialmente de publicação.

concentra o maior contingente docente e discente de pós-graduação do País.

Gráficos 1 e 2: distribuição da produção brasileira na temática infância e mídia

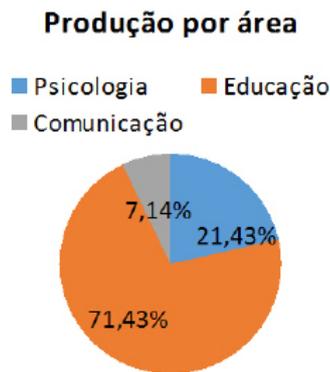


Gráfico 1 – Áreas do conhecimento
Fonte: Portal de Periódicos da Capes e Plataforma Scielo

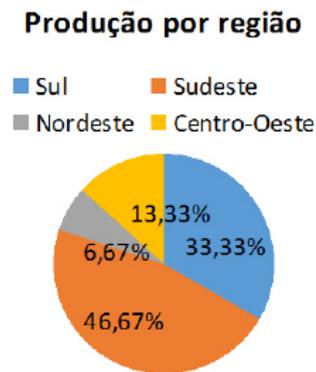


Gráfico 2 – Áreas do conhecimento
Fonte: Portal de Periódicos da Capes e Plataforma Scielo

A maioria das pesquisas privilegia o protagonismo da criança, enfatizando suas produções simbólicas e materiais feitas a partir da mídia (DE LA ROCHE, 2012; SALGADO, 2012; SIQUEIRA *et al.*, 2012). Apenas dois trabalhos se dedicaram à produção da própria mídia (CECHIN, SILVA, 2012; TOMAZ, 2014) e, nesse sentido, às representações dela advindas. Havia, ainda, três trabalhos voltados a compreender o que se pode chamar de infância contemporânea através da relação das crianças especialmente com a mídia (CARRIJO, 2012; MOMO, COSTA, 2010; SALGADO *et al.*, 2005). Essa amostra de estudos sobre mídia e infância realizados no Brasil revela um esforço crescente em questionar o consumo midiático passivo da criança. Através de estudos de recepção e de inspiração etnográfica, sobretudo, os pesquisadores procuram evidenciar as leituras criativas das crianças e os modos pelos quais elas fazem uso das mídias, especialmente as eletrônicas.

De maneira geral, essas pesquisas reconhecem, em primeiro lugar, que as crianças, na condição de consumidoras, também se tornam interlocutoras. As investigações ajudam a compreender que, ao

interpelar as crianças por meio de produções culturais, os dispositivos midiáticos permitem que elas se percebam no cenário social e, assim, construam visões de mundo. As práticas de consumo das crianças revelam realidades construídas por elas a partir de negociações simbólicas travadas cotidianamente.

Em segundo lugar, esse recorte nos mostra que uma cultura cada vez mais da imagem e cada vez menos letrada amplia paulatinamente a presença e a participação da criança. Ao abordar a infância em sua relação direta com a mídia, esses estudos se concentram nos desenhos animados, nos *games*, nos filmes infantis e na publicidade, entre outros produtos. Seu consumo, pelas crianças, é basicamente através da imagem e dispensa o domínio de códigos mais complexos de leitura. Essa possibilidade dá às crianças acesso à arena pública da mídia, tornando-as centrais em tomadas estratégicas de decisão.

Por fim, essas pesquisas admitem que o acesso a novas mídias e tecnologias não determina, mas amplia as possibilidades de as crianças produzirem histórias, novas brincadeiras, vídeos, apresentações etc. Trata-se de uma produção simbólica e também material, por meio da qual as crianças interpelam aqueles à sua volta. Dessa forma, pode-se dizer que as narrativas brasileiras de saberes sobre infância e mídia estão produzindo uma infância mais visibilizada, ativa e participante.

O fato de esses trabalhos analisados demonstrarem a agência das crianças, entretanto, não nos permite partir para conclusões entusiastas como aquelas que as tomam como consumidores empoderados, autônomos, capazes de fazer leituras completamente independentes daquelas que o mercado propõe ao ofertar seus diversos produtos. A agência e a vulnerabilidade da criança, é preciso lembrar, são duas faces de um mesmo fenômeno que precisam ser pensadas sempre em sua complexidade e relação (MIZEN, OFOSU-KUSI, 2014). Em termos de enquadramento teórico, esses trabalhos mostram que a produção brasileira de estudos sobre mídia e infância não está vinculada ao paradigma desenvolvimentista da infância, mas a uma concepção mais recente, segundo a qual a criança é um sujeito. Nessa perspectiva,

estão mais interessados nas negociações feitas pelas crianças por meio dos usos que elas fazem das mídias, sobretudo eletrônicas, do que nos efeitos advindos desse consumo.

Considerações finais

Com base no pressuposto de que a infância é uma narrativa da experiência da criança em um determinado contexto histórico e cultural, esse breve levantamento buscou entender, quais foram os principais discursos produzidos, na última década, sobre os primeiros anos de vida em sua relação direta com a mídia. A mídia se tornou um problema teórico para a psicologia, para a educação e para a saúde na medida em que sua relação com as crianças, a partir de uma determinada configuração histórica e cultural, gerava novos modos de ser e estar no mundo e produzia, portanto, subjetividade.

As narrativas advindas dos diferentes campos disciplinares, no entanto, não revelavam verdades dadas do que é a infância, mas carregavam em seus enunciados lutas e disputas teóricas, acadêmicas, sociais e políticas, sinalizando a produção – e não o desvelamento – de suas verdades. Ao longo de quase todo o século XX, a psicologia se mostrou a maior autoridade em ofertar saberes sobre a infância, opondo-a constantemente à mídia, a partir da perspectiva de uma relação desigual de forças, em que a criança era retratada como passiva e inocente diante de um aparato midiático poderoso e implacável, do qual a infância precisava ser protegida, sob pena de perder-se.

As últimas décadas do século passado, todavia, foram o cenário para sucessivas rachaduras na hegemonia da psicologia, questionada pelas ciências cognitivas e pelas ciências sociais, em especial, as quais paulatinamente esmaeciam as diferenças entre adultos e crianças, do ponto de vista da falta. Os *childhood studies*, sem negar que a relação entre crianças e adultos é de alteridade, defendem que suas diferenças não estão naquilo que a criança ainda não é, mas nas experiências atravessadas por inúmeros elementos como classe, raça, gênero,

formação escolar, localização geográfica etc. – diferenças socialmente produzidas e não naturais. A mudança na forma de perceber a criança incide diretamente na formulação de teorias e conceitos que permitem que ela seja pensada não só como consumidora, mas especialmente como produtora.

Tal concepção impulsionou estudos que buscaram superar a ideia do consumo midiático apenas como algo que interfere negativamente nos marcos de desenvolvimento comumente atribuídos às crianças. Em vez disso, concentraram-se em compreender como elas produziam visões de mundo específicas, sociabilidades e conteúdo que figurassem no espaço público, ampliando sua participação nas sociedades. Isso não significou dizer que o interesse pelos modos com os quais a mídia interpela a criança tenha desaparecido. Pelo contrário, os estudos de representação nos últimos anos ajudaram a questionar estereótipos e denunciar a invisibilidade de determinados grupos de crianças.

No Brasil, a ideia de dar às crianças ferramentas, no campo midiático, a fim de que, por elas mesmas, possam negociar sentidos e, assim, construir realidade, prevalece nos estudos que fizeram parte do *corpus*. Entretanto, ainda há uma carência de pesquisas que levem em conta essa agência sem desconsiderar as particularidades das crianças, sobretudo de estudos que formulem, a partir da empiria, teorias que deem conta da construção social da infância no contexto brasileiro. Há também uma carência quantitativa de estudos, especialmente no campo da comunicação. O fato de ter encontrado, na amostra dos quatorze trabalhos, apenas um da área revela algo, no mínimo, sintomático.

O entendimento de que a criança não só é produto da cultura, mas produtora dela, traz a infância para o campo da comunicação não como uma temática, mas como um problema teórico. Com base nessa compreensão, surgem questões a partir das quais os investigadores da comunicação podem avançar no vasto campo interdisciplinar dos estudos da infância, tais como: de que forma a visibilização das crianças está afetando a produção da mídia? Como tratar no âmbito da infância

a problemática produtor *versus* profissional de mídia? São exemplos de desafios teóricos e metodológicos que oportunizam o crescimento dos estudos de infância e mídia em sua direta e inquestionável relação.

Referências

ALCÂNTARA, Alessandra; GUEDES Brenda (Orgs.). **Culturas infantis do consumo: práticas e experiências contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

BAIOCCO, Roberto; D'ALESSIO, Maria; LAGHI, Fiorenzo. Discrepancies between Parents' and Children's Attitudes toward TV Advertising. **Journal of Genetic Psychology**, v. 170, n. 2, p.176-191, 2009.

BARBOSA, Antonio Carlos do Amaral. **A criança e o brinquedo-TV: análise sobre o discurso publicitário direcionado para a infância na Rede Globo de Televisão**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Programa de Pós-Graduação, Natal (RN), 2012.

BRAGG, Sara; BUCKINGHAM, David; RUSSELL, Rachel; WILLETT, Rebekah. Too Much, Too Soon? Children, "Sexualization" and Consumer Culture. In: **Sex Education: Sexuality, Society and Learning**, v. 11, n. 3, p. 279-292, 2011.

BRENT, Mawson. Technological Funds of Knowledge in Children's Play: Implications for Early Childhood Educators. **Australasian Journal of Early Childhood**, v. 36, n. 1, p. 30-35, 2011.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias digitais**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

CARRIJO, Adriana Carrijo. Significações imaginárias da infância contemporânea: mídia, pais e especialistas. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 421-429, 2012.

CASTRO, Lucia Rabello de (Org.). **Infância e adolescência na cultura do consumo**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1998 (versão pdf). Disponível em: http://npiac.psicologia.ufrj.br/images/stories/livros/infancia_e_adolescencia_na_cultura_do_consumo.pdf. Acesso em: 01 de agosto de 2015.

_____. (ed.). **O futuro da infância e outros escritos**. Rio de Janeiro: Faperj, Sete Letras, 2013.

CECHIN, Michelle Brugnera Cruz; SILVA, Thaise da. Assim falava Barbie: uma boneca para todos e para ninguém. **Fractal, Rev. Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 623-638, 2012.

CHACÓN GORDILLO, Pedro; MORALES CARUNCHO, Xana. Infancia y medios de comunicación: El uso del método semiótico cultural como acercamiento a la cultura visual infantil. **Ensayos: Revista de la Facultad de Educación de Albacete**, v. 29, n. 2, p.1-17, 2014.

- CORSARO, William. **The sociology of childhood**. SAGE, 2011.
- DEFAUW, Danielle L. 10 Writing Opportunities to "Teach to the Test". **The Reading Teacher**, v. 66, n. 7, p. 569-573, 2013.
- DE LA ROCHE, Maritza Adelaida Lopez De La Roche. **Audiências infantis, capital escolar, mídia e representações sociais**. Tese de Doutorado em Educação, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Unicamp, Campinas-SP, 2012.
- DENOV, Myriam. Child Soldiers and Iconography: Portrayals and (Mis) Representations. **Children & Society**, v. 26, n. 4, p. 280-292, 2012.
- DORETTO, Juliana. **Pequeno leitor de papel**. São Paulo: Alameda, 2013.
- ERWIN, Elizabeth J.; MORTON, Naomi. Exposure to media violence and young children with and without disabilities: Powerful opportunities for family-professional partnerships. **Early Childhood Education Journal**, v. 36, n. 2, p.105-112, 2008.
- FANTIN, Monica. Crianças e games na escola: entre paisagens e práticas. **Rev.latinoamericana ciencias sociales niñez juventud**, v, 13, n. 1, p. 195-208, 2015.
- FERNÁNDEZ, Almudena Ocaña Fernández; LÓPEZ, María Luisa Reyes. El imaginario sonoro de la población infantil andaluza: análisis musical de «La Banda». **Comunicar**, v. XVIII, n. 35, p. 193-200, 2010.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Pequena Miss Sunshine: para além de uma subjetividade exterior. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 47-57, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre-RS, 2013.
- HALL, Stuart. Encoding / Decoding. In: HALL, S. HOBSON, D., LOWE, A. WILLIS, P. (eds). **Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies**, p. 128-138. London: Hutchinson, 1980.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, Andrew. A proposal for congressionally mandated federal regulation of child-directed food and beverage television advertisements to combat childhood obesity. **Health Matrix**, v. 23, n. 2, p. 607-631, 2013.
- HILL, Jennifer. Endangered childhoods: how consumerism is impacting child and youth identity. **Media, Culture & Society**, v. 33, n. 3, p. 347-362, 2011.
- HOFFMAN, Diane. Saving children, saving Haiti? Child vulnerability and narratives of the nation. **Childhood**, v. 19, n. 2, p.155-168, 2012

GÓMEZ-MENDOZA, Miguel Ángel, ALZATE-PIEDRAHÍTA, María Victoria. La infancia contemporánea. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 12, n. 1, p. 77-89, 2014.

LEMISH, Dafna. **Children and media**: a global perspective. Malden-MA, USA: Willey Blackwell, 2015.

LENTERS, Kimberly; WINTERS, Kari-Lynn. Fracturing Writing Spaces. **The Reading Teacher**, v. 67, n. 3, p.227-237, 2013.

MAHER, Janemaree; FRASER, Suzanne ; WRIGHT, Jan. Framing the mother: Childhood obesity, maternal responsibility and care. **Journal of Gender Studies**, v. 19, n. 3, p.233-247, 2010.

MARTÍNZES, Álvaro Salas; SENDRA, Juan Menor; COROMINA, Álvaro Pérez-Ugena. Violencia en televisión: análisis de la programación en horario infantil Violence in TV: Analysis of Children´s Programming. **Comunicar**, v. XVIII, n. 35, p. 105-112, 2010.

MIZEN, Phil; OFOSU-KUSI,Yaw. Agência como vulnerabilidade: explicando a ida das crianças para as ruas de Acra. **Linhas Críticas**, v. 20, n. 41, p. 81-101, 2014.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educ. Soc., Campinas**, v. 26, n. 91, p. 391-403, 2005.

MOMO, Mariangela; COSTA, Marisa Vorraber. Crianças escolares do século XXI: para se pensar uma infância pós-moderna. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 965-991, 2010.

MONTGOMERY, Kathryn C.; CHESTER, Jeff; GRIER, Sonya A.; DORFMAN, Lori. The New Threat of Digital Marketing. **Pediatric Clinics of North America**, v. 59, n. 3, p.659-675, 2012.

O'MARA, Joanne; LAIDLAW, Linda. Living in the iWorld: Two Literacy Researchers Reflect on the Changing Texts and Literacy Practices of Childhood. **English Teaching: Practice and Critique**, v. 10, n. 4, p.149-159, 2011.

ORLANDI, Rosângela Orlandi. **A representação social da criança em anúncios de moda na revista Vogue Kids Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul (SP), 2012.

PEREIRA, Milena Gomes Coutinho Pereira. **A nova face da moeda**: a criança na publicidade do setor financeiro da revista Veja. Dissertação (Mestrado) - UFF, Niterói-RJ, 2016.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Veja estas canções: Infância e cultura de massas. **Childhood & Philosophy**, n. 3, p.55-73, 2006.

POYNTZ, Stuart; HOECHSMANN, Michael. Children's Media Culture in a Digital Age. **Sociology Compass**, v. 5(7), p.488-498, 2011.

ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da. Cenas (im)próprias para

crianças?. **Cadernos Cedex**, v. 32(86), p. 97-115, 2012.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. São Paulo: Martins Fontes, [1762] 2014.

SÁNCHEZ-CARRERO, Jacqueline; SANDOVAL-ROMERO, Yamile. Keys to recognizing the levels of critical audiovisual reading in children. **Comunicar**, v. 19(38), p.113-120, 2012.

SALGADO, Raquel Gonçalves. From the sweet girl to the powerful hero: childhood, gender and power in the fiction and life scenes. **Cadernos Cedex**, v. 32(86), p.117-136, 2012.

SALGADO, Raquel Gonçalves; PEREIRA, Rita Marisa Ribes; JOBIM E SOUZA, Solange. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. **Cadernos Cedex**, v. 25(65), p. 9-24, 2005.

SAMPAIO, Inês Sílvia Vitorino; CAVALCANTE, Andréa Pinheiro Paiva; ALCÂNTARA, Alessandra. **Mídia de chocolate**: estudos sobre a relação infância, adolescência e comunicação. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. "Sociologia da Infância: Correntes e Confluências", in SARMENTO, M. J.; GOUVÊA, M. C. S. (orgS.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais, p. 17-39. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Estudos da infância e sociedade contemporânea: desafios conceituais. **Revista O Social em Questão**, XX, n. 21, p. 15-30, 2009.

SCHNEIDER, Jenifer Jasinski; KOZDRAS, Deborah; WOLKENHAUER, Nathan; ARIAS, Lisa. Environmental E-Books and Green Goals. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 57, n. 7, p. 549-564, 2014.

SIMPSON, Brian. Challenging childhood, challenging children: Children's rights and sexting. **Sexualities**, v. 16, n. 5-6, p. 690-709, 2013.

SIQUEIRA, Isabelle Borges; WIGGERS, Ingrid Dittrich; SOUZA, Valéria Pereira De. O brincar na escola: a relação entre o lúdico e a mídia no universo infantil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, n. 2, p. 313-326, 2012.

SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, v. 112, n. 2, p. 7-31, 2001.

SOBRAL, Jacqueline. **Você gosta de alguém?** Representações de amor, erotismo e sexo construídas por crianças em contextos populares a partir da cultura midiática. Dissertação (Mestrado), Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo-SP, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

STEARNS, Peter. **A infância**. São Paulo: Contexto (Coleção história mundial), 2006.

THOMPSON, Kirrilly. Because looks can be deceiving: Media alarm and the

sexualisation of childhood - do we know what we mean? **Journal of Gender Studies**, December 2010, Vol. 19(4), p. 395-400.

TOMAZ, Renata. A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia. **Intercom, Rev. Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 37, n. 2, p. 177-202, 2014.

TOMAZ, Renata de Oliveira. **Da negação da infância à invenção dos tweens**: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

TRICE, Ashton D. Sensation-seeking and video choice in second grade children. **Personality and Individual Differences**, v. 49, n. 8, p.1007-1010, 2010.

VERGARA, Enrique; VERGARA, Ana. Representation of childhood in advertising discourse in Chile. **Comunicar**, v. 19, n. 38, p.167-173, 2012.

VIVARTA, Veet (Coord.). **Infância e Consumo**: estudos no campo da comunicação. Brasília: ANDI; Instituto Alana, 2009.

WARDE, Mirian Jorge. G. Stanley Hall e o child study: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, v. 14, n. 2 (35), p. 243-270, 2014.

WELLS, Karen. Narratives of liberation and narratives of innocent suffering: the rhetorical uses of images of Iraqi children in the British press. **Visual Communication**, v. 6, n. 1, p. 55-71, 2007.

WOHLWEND, Karen E. The Boys Who Would Be Princesses: Playing with Gender Identity Intertexts in Disney Princess Transmedia. **Gender and Education**, v. 24, n. 6, p.593-610, 2012.

YOUNG, Chase; RASINSKI, Timothy V. Student-Produced Movies as a Medium for Literacy Development. **The Reading Teacher**, v. 66, n. 8, p.670-675, 2013.

YU, Jay Hyunjae. Mothers' perceptions of the negative impact on TV food ads on children's food choices. **Appetite**, v. 59, n. 2, p.372-37, 2012.

ZIVKOVIC, Tanya; WARIN, Megan; DAVIES, Michael; MOORE, Vivienne. In the name of the child: The gendered politics of childhood obesity. **Journal of Sociology**, v. 46, n. 4, p.375-392, 2010.